



"Pessoal do Victor" volta com texto de Calderón de la Barca

Depois de "Victor, ou as crianças no poder", "Os IKS", "O processo" e "Cerimônia para um negro assassinado", um grupo teatral que conseguiu surpreender a crítica e a platéia paulistanas prepara seu quinto espetáculo: o "Pessoal do Victor" volta à cena com "A vida é sonho", de Pedro Calderón de la Barca, o notável dramaturgo espanhol do século XVII que dificilmente tem seus textos encenados no Brasil. E não só o notório interesse em relação à peça contribui para criar uma expectativa favorável em torno do espetáculo. Além dos precedentes apresentados pelo grupo, notáveis, tratando-se de uma companhia que obteve êxito já em sua primeira apresentação, o texto foi entregue à poetisa Renata Pallottini para ser traduzido. E a direção é de Celso Nunes. A peça estréia às 21 horas, no Teatro FAAP, e com ela inaugura-se também uma exposição do pintor espanhol Alvaro Bautista.

A força poética da dramaturgia tradicional de Calderón de la Barca, em que o ator é figura preponderante e algumas falas constituem longos monólogos, parece ter sido entregue à pessoa indicada para traduzi-la. Renata Pallottini optou por um texto que é parcialmente relatado em prosa, parte em verso metrificado e rimado com o original. Os trechos líricos, os monólogos e algumas narrações foram mantidas em verso. Talvez preocupada com a reação do público e diante do impasse de apresentar um texto defasado, a poetisa preferiu traduzir em prosa os diálogos dramáticos e

os momentos de ação, por ser essa a forma mais flexível e mais familiar aos ouvidos do espectador atual. Segundo o "Pessoal do Victor", "A vida é um sonho" se transformou, assim, sem perder seu conteúdo inicial, numa parábola sobre a conquista do poder, tal como o jogo de interesses, movido pelos poderosos, ocorre modernamente.

"A vida é sonho", escrita por volta de 1635, discute o poder e a realidade em suas estruturas. O personagem central, Segismundo, é o filho de um rei e natural sucessor do trono. E, contudo, é afastado do poder sob a alegação de que misteriosas maldições pesam sobre sua cabeça. Levado à corte, seu lugar natural, Segismundo vive um mundo de sonho, de imagens criadas pelos que querem vê-lo distante do trono. Até então, vivera isolado numa torre, e seu comportamento entre os demais é, a princípio, absolutamente selvagem. Em determinado momento, o personagem resolve rever seus direitos e investe na luta pelo poder, embora ainda lhe seja difícil distinguir o sonho da realidade. Por fim, Segismundo obtém o apoio de forças populares e consegue vencer, impondo-se aos concorrentes. O que, no entanto, não o transforma num herói positivo: ele se acomoda aos interesses alheios, subordinando-os aos seus próprios interesses, e entra no esquema dos poderosos. Age como aprendeu a agir, para não ser tragado pelos novos inimigos. E, como qualquer rei, teme o fim e o sonho que pode devolvê-lo à torre solitária, como se nada houvesse acontecido.

O espetáculo está ligado às atividades do Centro de Teatro do Instituto de Artes da Unicamp, onde o "Pessoal do Victor" vem desenvolvendo suas pesquisas. E, junto à estréia, estará sendo inaugurada uma exposição que vem a propósito: a do pintor espanhol Alvaro de Bautista, professor do Instituto e um dos mais importantes artistas contemporâneos de seu País. A mostra será montada na Sala de Exposições da FAAP, e permanecerá aberta durante todo o tempo em que o espetáculo ficará em cartaz. Alvaro de Bautista é formado pela Escola Superior de Belas Artes de Madrid, e suas obras constam do acervo de vários museus de arte contemporânea da Europa, principalmente na Espanha.



"A Vida é Sonho"